



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

COMISSÃO DE FINANÇAS E ORÇAMENTO

PRESIDENTE: JOÃO ANANIAS

TIPO DA REUNIÃO: Audiência Pública
LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo
DATA: 27 de Abril de 2026

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Manifestação fora do microfone

A SRA. PRESIDENTE (Keit Lima) – Boa noite. Presidindo a Comissão de Finanças e Orçamento, declaro abertos os trabalhos da 5ª Audiência Pública Semipresencial desta Comissão no ano de 2026 convocada para hoje, 27 de abril.

Esta audiência pública tem por objetivo debater a vida além do trabalho, os impactos diretos e indiretos da escala 6x1 no orçamento do Município de São Paulo, em atendimento ao Requerimento 9/2026, de autoria da Vereadora Keit Lima, aprovado na Comissão em 25 de março de 2026.

Informo que esta reunião está sendo transmitida ao vivo pelo portal da Câmara Municipal de São Paulo, no endereço www.saopaulo.sp.leg.br/transparencia/auditorios-online/auditorio-virtual; pela Rede Câmara SP, canal digital 8.3; e pelos canais da Câmara Municipal de São Paulo no YouTube e no Facebook.

O convite para esta audiência pública vem sendo publicado no *Diário Oficial da Cidade* desde o dia 15 de abril de 2026. E as inscrições para o pronunciamento foram previamente abertas no *site* da Câmara Municipal de São Paulo desde o 7 de abril de 2026, no endereço www.saopaulo.sp.leg.br/audienciapublicavirtual.

Declaro abertas as inscrições para o pronunciamento; e o fechamento será avisado com antecedência.

Chamo para a Mesa as Sras. Marilene Oliveira Teixeira, que é professora do Instituto de Economia da Unicamp, pesquisadora do Cesit, Doutora do Desenvolvimento Econômico e Social, Sra. Patrícia Shimano Ikuno, advogada trabalhista e a maior criadora de conteúdos para trabalhadores, com uma comunidade com mais de cinco milhões de seguidores; Mariana Lima de Araújo, Coordenadora Nacional do Movimento Vida Além do Trabalho; Gilvania Reis Gonçalves, ambulante e Coordenadora Nacional do Movimento Trabalhadores sem Direito; e a Sra. Carolline Sardá Loz, que infelizmente, por um desencontro de agenda, não poderá estar presente hoje.

Eu quero começar agradecendo a todos que estão aqui.

Quero também aproveitar e pedir uma salva de palmas para todos os trabalhadores

REUNIÃO: 21741 DATA: 27/04/2026 FL: 2 DE 27

que não puderam estar aqui, porque estão nessa escala que não permite que estejam debatendo sobre as suas vidas.

E sem mais delongas, passo a palavra à Mariana, porque temos muitas especialistas na Mesa, mas, para mim, a maior especialista é a Mariana. E eu queria que ela abrisse os caminhos.

A SRA. MARIANA LIMA DE ARAÚJO – Olá. Boa noite a todos.

Eu sou a Mariana, como já fui apresentada, e trabalho na escala 6x1 como operadora de caixa em um mercado atacadista.

O que eu posso afirmar é que a nossa rotina é extremamente exaustiva. Quantas vezes eu já chamei colegas para eventos, para fazer as coisas, para lutar pelos seus direitos trabalhistas. E uma respondeu: “Mariana, hoje, se eu dormi três horas, foi muito”, “Hoje, se eu dormi quatro horas, foi muito”. São pessoas que têm mais de um emprego, pessoas que fazem faculdade. As pessoas que fazem faculdade dormem quatro horas por noite, que chegam em casa do trabalho e ainda vão estudar. É muito puxado. E quantas vezes eu já não vi colegas trabalhando com a saúde meia boca. Nós mal nos curamos direito e já vamos trabalhar. Nunca conseguimos ser 100% produtivo, direito, no serviço, porque sempre está trabalhando cansado. Isso é muito ruim para a nossa saúde. A gente vive à base do cortisol sempre alto.

A gente quer uma escala de trabalho menor para conseguir fazer mais pela gente, pela sociedade. A gente quer cuidar dos nossos filhos, quer se envolver em projetos da nossa igreja, e não consegue. A gente quer ter tempo para estudar, para fazer atividade física. A gente não consegue crescer como ser humano quando passa o dia inteiro no trabalho.

Para esse país ser próspero, crescer e se desenvolver, do que a gente precisa? Se cuidar, se especializar, coisa que fica difícil de fazer quando se trabalha nessa jornada de trabalho. Então, é fundamental para o crescimento do país, acredito eu, o fim da escala 6x1.

Eu, por atender um público diverso e ser operadora de caixa, muitas vezes também já me comuniquei com pequenos empresários, que tinham seu negócio, e muitos não conseguem ter estabilidade de funcionários. Muita gente vive dando atestado porque vive doente. Isso é

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls. 4

REUNIÃO: 21741 DATA: 27/04/2026 FL: 3 DE 27

muito puxado e muita gente não vê o nosso lado, trata como se a gente não quisesse trabalhar. Mas muitas vezes a gente não tem saúde, porque dorme pouco, come mal. Como é que a gente vai fazer as coisas acontecer? A gente vive é pela misericórdia, viu? É muito puxado.

A gente vai persistir nessa luta, não vai parar. A gente quer a escala 4x3, e não vai parar até conseguir. E é isso. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Keit Lima) – Uma salva de palmas para a Mariana, gente. (Palmas)

Gente, eu quero pedir licença para quebrar o protocolo. Vocês sabem que a Mariana é uma das pessoas responsáveis por termos mandato. Ela apostou na nossa candidatura e fez ser possível estarmos aqui com o Mandato das Favelas, que está com o pé no chão, nos nossos territórios, construindo. Foi a partir de muitas Marianas que conquistamos o mandato.

E eu também queria muito aproveitar a importância de Mariana, e que venham muitas Marianas, que é liderança do VAT, e falar uma coisa mais protocolar. Tem uma coisa que a Mariana trouxe que é: para um país ser próspero, ele precisa cuidar de gente. Quando falamos sobre economia, necessariamente, precisamos falar sobre justiça social. Não existe algo separado, é irresponsável falar de economia sem falar de justiça social. Para falarmos de justiça social, precisamos falar de economia e, para falarmos de economia, precisamos falar sobre justiça social. Sabemos quais são os corpos que poderiam estar aqui, mas não estão porque estão trabalhando.

E agora, neste lugar protocolar, porque quero muito uma cidade, um estado e um país próspero; por sua grande importância e contribuição, Mariana, na promoção de uma sociedade mais justa, humana e equilibrada, o Mandato das Favelas e esta Câmara Municipal prestam esta homenagem e manifestam voto de júbilo e congratulações à sua senhoria e senhora.

E também quero aproveitar e chamar Nando Martins, José Augusto e Matheus Rigonatti, para receber também essa homenagem pela relevante atuação na promoção de um amplo e necessário debate social acerca da dignidade no trabalho, da saúde mental e da

REUNIÃO: 21741 DATA: 27/04/2026 FL: 4 DE 27

valorização da vida, para além da jornada exaustiva. (Palmas)

- Entrega de homenagens, sob aplausos.
- Registro fotográfico.

A SRA. PRESIDENTE (Keit Lima) – Gente, eu tive que quebrar o protocolo porque sabemos da dificuldade desse tema, que é tão urgente e tão importante, principalmente quando falamos das vidas periféricas e faveladas. Esse mito de que quem trabalha mais tem mais ascensão, sendo que sabemos muito bem, e eu queria trazer um dado específico sobre esse tema.

No Brasil, a jornada de 44 horas está exatamente concentrada em quem é mais mal pago. Para vocês terem a ideia de um relatório, a média de salário para quem trabalha 44 horas é de 2.600, e para quem trabalha 40 horas é de 6.200. Então, trabalha mais, ganha mais; quem? Quem são esses corpos? Uma mentira muito bem contada e contada várias vezes quase soa como verdade, e nós precisamos estar atentos a quem está contando essas histórias e para quem elas servem.

Quem são os corpos que estão trabalhando até a exaustão, que não têm direito ao lazer? Essas pessoas que se dizem em defesa da família, mas qual família, se estão defendendo uma escala 6x1, em que os pais não conseguem ver seus filhos? Nós precisamos construir um país onde os pais possam ficar e ver mais os filhos do que os seus patrões.

E aí eu vou voltar para o protocolar. Eu queria muito passar a palavra para a Patrícia, para ela falar um pouquinho sobre toda a sua experiência e sobre quão urgente precisamos acabar com a escala 6x1.

A SRA. PATRÍCIA SHIMANO IKUNO – Boa noite a todos. Agradeço o mandato da Vereadora Keit Lima pelo convite e é um enorme prazer estar aqui na presença de todos vocês.

E eu faço das palavras da Vereadora as minhas também, porque realmente os trabalhadores da escala 6x1, que deveriam também estar aqui hoje, não podem porque justamente estão trabalhando. E é tão necessário e urgente esse debate, mas infelizmente a maioria dos trabalhadores não consegue e, hoje, nós temos um importante instrumento, que são

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls. 6

REUNIÃO: 21741 DATA: 27/04/2026 FL: 5 DE 27

as redes sociais.

Eu, desde 2020, faço conteúdo jurídico nas redes sociais para os trabalhadores, voltado a eles, ensinando direitos básicos necessários. Em 2023, eu encontrei Rick Azevedo. Ele fez um vídeo numa segunda-feira que viralizou e ecoou pelo Brasil inteiro. E muitos dos meus seguidores – eu já tinha uma comunidade grande de trabalhadores – me marcaram e pediram uma reação a esse vídeo. À primeira vista, olhei e pensei: o que eu posso falar para esse trabalhador que está exausto da escala 6x1? Eu não sabia o que dizer, por isso me limitei a dizer apenas que essa escala era permitida por lei. E fiz um vídeo de reação dizendo a ele que era permitida. Pois ele reagiu, me rebateu e disse: “Mas é contra isso que nós vamos lutar, é contra isso. A gente vai acabar com a escala 6x1”. E depois disso, me juntei ao movimento Vida Além do Trabalho e, desde então, estamos juntos nessa luta. Desde 2023 até agora, quase três anos.

Nós estamos lá, no Congresso Nacional, prestes a conseguir o fim da escala 6x1. Eu me emociono muito, porque além de advogada trabalhista, já fui CLT por muitos anos. Além de advogada trabalhista, eu perdi minha mãe para jornadas exaustivas e corre nas minhas veias uma vontade de mudar efetivamente a vida dos trabalhadores. E Rick Azevedo me mostrou esse caminho, essa oportunidade de, além de ensinar os direitos básicos, poder mudar a vida deles. E nós estamos diante disso.

Hoje, nós temos três grandes oportunidades no Congresso Nacional: duas PECs, duas Propostas de Emenda à Constituição: uma na Câmara e outra no Senado; e um projeto de lei, encaminhado pelo Presidente Lula, em regime de urgência, que, se não for votado em 45 dias, tranca a pauta do Congresso Nacional. Então, nós temos essas três oportunidades e não podemos deixar passar. São três oportunidades que os trabalhadores têm para mostrar a voz, a força, a união.

Recentemente, fomos surpreendidos com a proibição de realizarmos o nosso ato de Primeiro de Maio na Avenida Paulista. Isso demonstra o tamanho da resistência que estamos enfrentando da Oposição. Mas nós não vamos nos calar. Não vamos recuar, nós estamos aqui. O trabalhador não está para brincadeira. O trabalhador quer o fim da escala 6x1. Ele não aguenta

REUNIÃO: 21741 DATA: 27/04/2026 FL: 6 DE 27

mais essa jornada exaustiva. Nós não estamos, desde 2023, lutando e conseguimos chegar até aqui, para recuar. Nós vamos seguir e vamos conseguir.

Muito obrigada a todos. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Keit Lima) – Eu só quero reforçar que vamos ter algumas falas abertas. Quem quiser falar, levanta a mão, que vamos pegar o nome.

E agora quero aproveitar e já passar a palavra para a professora.

A SRA. MARILANE OLIVEIRA TEIXEIRA – Boa noite a todas. Boa noite a todos. Quero começar agradecendo à Vereadora Keit Lima pelo convite. Foi uma honra quando soube que a atividade seria composta por mesas com mulheres. Elas que são, sem dúvida alguma, digamos, as principais vítimas dessa jornada e escala de trabalho; também esperamos que sejam as principais beneficiadas pela redução da jornada, com o fim da escala 6x1.

Quero cumprimentar a Mesa. É uma honra estar aqui com a Mariana, com a Gilvania, querida – temos nos encontrado em vários eventos, há algum tempo –, e a Patrícia. Esta é a segunda oportunidade que tenho de compartilhar uma mesa com ela, pois, no final do ano passado, já estivemos juntas numa audiência pública, aqui também, para tratar do mesmo tema. Acompanho o esforço e o trabalho que a Patrícia vem fazendo em torno dessa agenda e considero como fundamental para que possamos ter êxito.

E também quero cumprimentar o movimento pela Vida Além do Trabalho que, sem dúvida alguma, é o grande protagonista. Sem esse movimento, certamente, essa seria mais uma luta que nós estaríamos travando. Mas é o esforço dessa juventude, que está justamente submetida às jornadas mais exaustivas e mais longas, que se rebelou, se mobilizou para pôr fim à essa jornada de trabalho. Porque a luta pela redução da jornada de trabalho é histórica, é uma luta que vem há, pelo menos, dois séculos, se imaginarmos as primeiras jornadas de trabalho, quando começa o processo de formação das primeiras indústrias, que eram de 16 horas diárias.

A conquista por uma jornada que hoje é nossa, de 36 ou de 40 horas semanais, faz parte de um processo. Nós tivemos vários momentos, a última Constituição de 88 reduziu de 48 para 44 horas. Provavelmente, deve ter alguém aqui, ou que está nos acompanhando, que

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls. 8

REUNIÃO: 21741 DATA: 27/04/2026 FL: 7 DE 27

vivenciou, inclusive, a jornada de 48 horas semanais. Era absolutamente incompatível, imaginar que fosse possível se dedicar ao trabalho, ao estudo, ao lazer e a uma vida minimamente digna. As pessoas trabalhavam em torno de 10 horas diárias e houve a redução para 44 horas, naquele momento, embora não fosse a reivindicação do movimento, ela foi o que era possível.

E inclusive eu posso comentar que não tem nenhum estudo, nenhuma evidência mostrando que, naquele momento, aquela redução da jornada de trabalho tenha representado, por exemplo, queda na produção, aumento de desemprego, crescimento da informalidade ou que as empresas simplesmente tenham falido. Não é verdade, não há absolutamente evidência sobre isso, e desafio o empregador que usar esse recurso para hoje se colocar contrário à redução da jornada de trabalho.

Nós estamos num momento histórico, a última redução foi há 38 anos. A maior parte dos países, principalmente os países desenvolvidos, mas também há nossos países vizinhos que já têm jornadas menores. Já houve experiências recentes no México, no Chile de redução da jornada de trabalho, então, sim, é absolutamente compatível com a realidade brasileira. E quais são os argumentos que nós estamos, vamos dizer, assistindo, com os quais todos nós já nos deparamos, seja na região onde a gente mora, dos amigos, vizinhos, colegas de trabalho, nossos empregadores, empregadoras, políticos, setores, digamos, diretores, gerentes de grandes corporações? Estão alegando que o Brasil não está preparado para reduzir a jornada de trabalho, porque a nossa produtividade ainda é muito baixa, que nós precisamos primeiro melhorar os nossos níveis de produtividade para depois reduzir a jornada de trabalho. Bom, a Keit trouxe um dado que é fundamental para essa discussão.

O sinônimo de produtividade é justamente quando você trabalha com uma jornada menor e tem um salário elevado, que é exatamente o exemplo que você nos trouxe em relação a quem hoje trabalha no máximo 40 horas semanais e tem uma remuneração superior a seis mil reais. Isso é ganho de produtividade, isso é uma demonstração de ganho de produtividade.

Então, dizer que precisamos, primeiro, ganhar produtividade para depois reduzir a jornada de trabalho é devolver a pergunta para quem defende: qual é o custo, o país está

disposto e os setores econômicos estão dispostos a pagar o custo social, que representa manter uma jornada de 44 horas semanais e uma escala de trabalho de 6x1? Não, não tem, o custo social é muito mais alto do que o que representa uma redução da jornada de trabalho, porque o custo social representa pessoas estressadas, pessoas tendo de se afastar do trabalho por doenças psicossociais. Nós tivemos mais de 500 mil afastamentos, só em 2024, decorrentes de afastamentos do ambiente de trabalho. Nós temos uma rotatividade altíssima, as pessoas não suportam a sobrecarga dos trabalhos de seis dias. As pessoas não conseguem compatibilizar essa jornada, como estudar, ter lazer, ter um tipo de entretenimento, porque é inviável, não cabe no tempo.

O dia tem 24h. A maioria de nós, e principalmente quem mora em São Paulo, sabe o que representa se deslocar de casa para o trabalho, do trabalho para casa, no mínimo são quatro horas - duas para ir e duas para voltar - olhando para o sexo masculino, porque se você olhar para as mulheres, as mulheres não têm um percurso tão linear, as mulheres vão até a creche, as mulheres vão até a escola para deixar seus filhos, muitas vezes têm de ir para uma consulta médica antes de se dirigir ao trabalho. Então, é muito mais complexo quando a gente olha a realidade e a sobrecarga das mulheres.

Então por que esse debate sobre produtividade é um falso debate? Primeiro, porque o ganho de produtividade não pode ser atribuído apenas à força de trabalho, há também outros componentes que atuam para melhorar a produtividade: a inovação tecnológica, equipamentos, processos de trabalho que são adotados pelas empresas. Então, por exemplo, não me adianta colocar um *expert* em tecnologia da informação para operar um computador que está, pelo menos, 15 anos defasado, porque vai dar problema, vai interromper a todo momento, vai desligar, você vai ter que reiniciar, vai perder tudo. Isso é perda de produtividade, mas não é porque a pecinha que está na frente do equipamento não está funcionando, é porque o equipamento não está funcionando. Então é equivocado avaliar a produtividade unicamente, exclusivamente, pelo trabalho, e uma sobrecarga de trabalho excessiva durante o dia diminui, inclusive, os índices de produtividade não vão aumentar, porque depois de uma jornada de oito,

dez horas por dia, todos nós diminuimos o ritmo por conta da exaustão, do cansaço, porque muitas de nós acordamos às 4, 5, 6h e já são 17,18h, e estando há pelo menos 12 horas se movimentando, é claro, há perda de produtividade. Por que os acidentes de trabalho ocorrem justamente nesses momentos de final de expediente? Porque justamente é quando as pessoas estão mais exauridas, as pessoas estão mais cansadas.

Então, essa ideia de que há perda de produtividade não é verdade, e quando vierem com esses argumentos, a gente tem de devolver dizendo o seguinte: não, nós vamos ter ganho de produtividade porque as pessoas vão estar mais descansadas, as pessoas vão ser mais criativas, elas vão estar mais felizes, elas vão estar mais dispostas, elas vão ter melhores ideias em relação ao trabalho que realizam. Então, na verdade, a produtividade tende a melhorar.

Vai haver setores econômicos que vão precisar contratar pessoas, principalmente na área do comércio, dos serviços e algumas áreas de atendimento? Claro que sim, nós temos dados, de acordo com o Ministério Público do Trabalho, que mais ou menos 34% das pessoas, que estão ocupadas no setor formal, com carteira de trabalho assinada, trabalham em regime de escala 6x1. Boa parte é no comércio, nos serviços, que é justamente onde estão as mulheres, e as mulheres negras, é justamente onde elas estão concentradas. Vai precisar contratar mais pessoas? É possível que sim, não tem dúvida, porque, a menos que o negócio opere simplesmente na jornada 5x2, simplesmente ela deixa de... Mas têm serviços, por exemplo, que operam sete dias na semana, então vai contratar, mas o custo da contratação se dilui a médio prazo, porque você melhora do ponto de vista dos seus negócios, porque são justamente os setores, os segmentos que tendem a ser os mais beneficiados justamente pela redução da jornada de trabalho, porque é no comércio, é nos serviços, porque, por exemplo, vou ter mais tempo de ir ao supermercado, eu vou ter mais tempo para o entretenimento, lazer, cultura, quem sabe até viajar, fazer uma viagem curta, ficar numa cidade próxima, conhecer lugares. Quantos lugares a gente gostaria de conhecer, mas é impedido, porque você tem um único dia livre na semana. Então, você incrementa os negócios, os empreendimentos regionais e locais, que vão retornar do ponto de vista, inclusive, de aumento de funcionários, de trabalhadores, de

REUNIÃO: 21741 DATA: 27/04/2026 FL: 10 DE 27

trabalhadoras para compensar o aumento na demanda, desse aumento do consumo, que estimula maior renda na economia, e que ajuda a fazer com que a roda vá circulando de forma positiva.

Então, não tem essa ideia de que a redução da jornada do trabalho vai diminuir o PIB, vai gerar desemprego, vai falir as empresas. A gente usa a mesma metodologia que outros usam para dizer que é justamente o contrário, não vai reduzir o PIB, porque as pessoas não vão deixar de comer, as pessoas não vão deixar de fazer compras, as pessoas vão pegar transporte, vão ter entretenimento, lazer, as pessoas não vão deixar de consumir, elas vão continuar consumindo. Então, essa ideia de que há uma queda no produto é mentirosa, é falsa, parte do pressuposto que se você ficar 5 dias trabalhando e 2 dias no descanso, o mundo para, todo o mundo congela, ninguém consome, e você só volta no terceiro dia, o que não é verdade, porque a gente vai continuar consumindo, a gente vai continuar gastando a nossa renda, e não vai gerar desemprego, muito pelo contrário, nesses setores intensivos em trabalho a tendência é gerar mais postos de trabalho para compensar as folgas. Há um custo adicional para algumas empresas? Sim, mas isso pode ser diluído. Ah, mas vai gerar inflação, porque vai repassar para o produto... O problema é o seguinte, se todo mundo achar que ao ampliar os seus custos com folha de pagamento, em 25%, você vai automaticamente passar para o produto, o que vai acontecer? Seu produto vai ficar mais caro e aí vai cair a demanda pelo seu produto, e aí o que ele vai ter de fazer? Ele vai ter de voltar atrás, reduzir o preço, porque, se não, não vai ter para quem vender.

Então, são falsos os argumentos que tentam criar uma falsa ideia de que a redução da jornada de trabalho, o fim da escala 6X1, embora importante, necessária, não é apropriada neste momento.

Com isso eu quero encerrar dizendo o seguinte: do ponto de vista histórico, nunca foi tão apropriado debater esse tema neste momento. É ano eleitoral, nós temos de pressionar os congressistas, eles têm que dizer para sociedade, para população e para quem vota neles qual é posição deles em relação a isso, não podem se esconder atrás de uma máscara, atrás de

REUNIÃO: 21741 DATA: 27/04/2026 FL: 11 DE 27

seus interesses, dos interesses econômicos que estão defendendo, para dizer que esse não é o momento apropriado, e que temos de sair desse clima eleitoral e debater só o ano que vem. Não, o momento é este. E mais, precisamos mostrar para a classe trabalhadora, para a sociedade que a luta vale a pena, que essa bandeira vale a pena, porque a gente tem condições de ganhar. E a gente anda perdendo tanto, nesses últimos anos, que a precisamos ganhar uma. E eu acho que, neste ano, esse vai ser o gol de placa que a gente vai conseguir marcar. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Keit Lima) - Obrigada, professora. Agora é a nossa querida Gilvania.

A SRA. GILVANIA REIS GONÇALVES - Boa noite a todos e todas. Keit, obrigada pelo convite, em nome de quem saúdo a Mesa. Também quero saudar os coordenadores dos Trabalhadores sem Direitos, que vieram nesta audiência pública. (Palmas) Saúdo o movimento VAT – Vida Além do Trabalho, por essa luta tão exaustiva, essa luta tão firme nas redes sociais, nas ruas, para combater essa escala 6X1, que aprofunda ainda mais a desigualdade.

Como já fui apresentada, eu sou Gilvania, coordenadora nacional do Movimento Trabalhadores Sem Direitos, mas também já fui uma trabalhadora nessa escala exaustiva por mais de 25 anos. Eu, como mãe-solo, moradora da periferia, moro na região de São Mateus, gastava duas horas de transporte público para chegar até o meu local de trabalho, acordava 3h40 da manhã para entrar às seis horas na empresa.

Então, eu senti muito na pele essa exaustão. Eu pegava o transporte público para dormir durante o trajeto de duas horas, na ida e na volta, porque quando eu chegava em casa, ainda tinha os filhos para cuidar, a casa para cuidar, a janta para fazer. Quando eu ia dormir, já era mais de 21h, para acordar às 3h40. Isso foi por um longo período da minha vida.

Eu não vi meus filhos crescerem. Em muitos domingos eu saía para trabalhar, fazia o almoço para os meus filhos almoçarem e não almoçava com os meus filhos. Isso foi por mais de oito anos nessa empresa em que eu trabalhei, com essa jornada exaustiva. Eu sempre chegava em cima da hora e ainda era culpada por chegar em cima da hora, porque o transporte estava ruim ou coisa do tipo. Mas por que ela só chega atrasada no serviço ou em cima da hora?

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21741 DATA: 27/04/2026 FL: 12 DE 27

O patrão não vê isso, ele só quer produtividade, ele só quer que a gente trabalhe, trabalhe e morra de trabalhar.

Então, eu acredito que quem está nos assistindo, há muitas Gilvanias por aí, que passam por isso, por essa vida tão louca. E quando surgiu o Movimento VAT, fiquei pensando, ele poderia ter surgido lá em 1997, poderia ter surgido lá em 2000, porque talvez eu tivesse visto meus filhos crescerem. Muitas das vezes, eu não ia a uma reunião de escola, eu passei seis meses sem aparecer na escola, porque não dava com a minha folga, eu folgava na terça-feira, uma vez por semana, e uma vez por mês, no domingo. Seis meses depois, quando eu cheguei à sala de aula, a professora falou: “Nossa, você que é a mãe da Gislaine? Prazer em te conhecer” Tipo assim, ela não sabia da minha história, não sabia da minha luta. Mas eu acredito que essa luta da escala 6x1, do movimento VAT vai avançar, os movimentos sociais estão mobilizados, parlamentares estão mobilizados, a sociedade civil está mobilizada. A gente precisa de ter vida acima do lucro, a gente precisa barrar essa escala 6x1.

Podem contar com a gente, com o movimento social, pode contar com nós, das quebradas, que a gente está falando sobre essa escala 6x1. Tenho colegas que trabalham ainda nesse emprego que eu trabalhava e outro dia me encontrou e falou: “Vânia” - que me chama de Vânia - “quando que vai acabar essa escala 6x1? Não aguento mais”. Eu falei: vamos para a rua, a gente está nas redes, está nas ruas, mas a gente precisa de pressão popular, precisa estar junto.

O Primeiro de Maio está aí, vamos mostrar a cara na rua, vamos gritar que essa escala 6x1 precisa acabar para que nós possamos ter dignidade, estar junto com os nossos filhos, com os nossos netos, ter um lazer, porque a vida não é só trabalho, a gente precisa ter lazer, como foi bem-dito pelos companheiros, que a gente precisa estar descansada para poder raciocinar melhor, para poder trabalhar melhor.

Contem com a gente. Estamos juntos na luta. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Keit Lima) – Obrigada, Gilvania.

A gente vai começar as falas, três minutinhos. Quem for falar, olha ali para a Amarilis.

REUNIÃO: 21741 DATA: 27/04/2026 FL: 13 DE 27

Dá um oi, Amarilis. A gente vai encerrar as inscrições na primeira fala, que é a do Matheus; em seguida, Cláudia, que aí eu já vou falando para ir se preparando, para ir chegando por aqui. Três minutinhos, olhar para a Amarilis, e qualquer coisa eu vou pedir para ir encerrando no microfone.

Vai lá, Matheus.

O SR. MATHEUS RIGONATTI - Boa noite. Eu sou Matheus, coordenador estadual do Movimento VAT.

Vou quebrar o protocolo mais uma vez. O protocolo que eu vou quebrar é para a Mariana. Quando me tornei coordenador do VAT São Paulo, a nossa coordenação estava fragilizada, era só eu e o Armando, a gente viu que precisava de ajuda, e nada melhor que uma mulher. Mas a gente pensou: onde ela está? Cadê ela? Quando chega uma trabalhadora da escala 6x1, do mercado, que conhece as dores de um trabalhador que acorda de manhã, que conhece as dores de um trabalhador que sustenta a economia deste país e que não é reconhecido. E nós fomos agraciados com a presença da Mariana na nossa coordenação. Então, em nome da coordenação do Movimento VAT, em nome do Rick Azevedo, em nome da coordenação nacional do Movimento Vida Além do Trabalho, eu te entrego essa moção de congratulações e louvor pelo seu trabalho pela cidade de São Paulo. Vem aqui receber sua moção. Somos muito honrados de ter você conosco. (Palmas) E muito obrigado pelo trabalho desempenhado por nós. Obrigado, viu Mari?

E aproveito que estou aqui para fazer mais uma ressalva. O Governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, usou a Polícia Militar para barrar a nossa manifestação no dia Primeiro de Maio. A manifestação é um ato constitucional, é um direito da classe trabalhadora sair para as ruas para se manifestar. A liberdade de expressão que esse povo tanto defende foi barrada por eles, a extrema direita.

Mas nós não nos silenciaremos. Estaremos na rua no dia Primeiro de Maio, levando a classe trabalhadora para as ruas, levando a classe trabalhadora para falar que esse Congresso inimigo do povo não nos representa. E eu convido cada um que está aqui, cada um que está na sua casa assistindo agora para estar nas ruas no Primeiro de Maio. Nós vamos destruir a escala

REUNIÃO: 21741 DATA: 27/04/2026 FL: 14 DE 27

6x1, a economia vai ficar de pé, o trabalhador vai ter dignidade e nós teremos vida além do trabalho.

Muito obrigado. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Keit Lima) – Obrigada, Matheus.

Agora a Cláudia, representante do Mães na Luta e o Levante Mulheres Vivas.

A SRA. ANA CLÁUDIA SOUZA PINHEIRO - Boa noite a todas, todes e todos presentes, à Mesa que compõe esta audiência pública da maior importância.

Eu sou ativista feminista, luto pelo direito de mães, mulheres e crianças e hoje estou representando o coletivo Mães na Luta. A gente tem uma atuação de dar suporte, apoio psicológico e jurídico para mães que estão em litígio pela guarda de filhos, também para mães que trabalham e ainda têm que dar conta de audiências em litígios, em processos de divórcios litigiosos e pela guarda dos filhos. Salientar a importância de todos os movimentos sociais que lutam pela defesa dos direitos humanos. Represento também o Levante Mulheres Vivas que tem atuação de enfrentamento ao feminicídio e que luta contra a misoginia.

Então é muito importante estar aqui, dar o meu apoio, o meu abraço a todas as pessoas que estão lutando pelo fim da escala 6x1, e dizer que o grande lance do ativismo é unir pautas. Então, se a minha pauta é uma ou outra, ela também se junta e se solidariza com a pauta de todos vocês e de todos nós que lutamos pela dignidade, pela vida plena e pelo prazer de viver, por estarmos vivas, livres e seguras.

Muito obrigada. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Keit Lima) – Obrigada, Cláudia. E não somos pautas diferente. Eu acho que as mães são as que mais são afetadas pela escala 6x1, as mulheres. Por isso que, de uma forma muito provocativa, a gente quis fazer uma mesa de mulheres. A gente sabe que, além de estar na escala 6x1, ainda quando chega... quando a gente fala de apenas uma folga por semana, não é uma folga; tem que lavar roupa, tem que cuidar da casa. Em qual momento esse corpo descansa?

Seguimos juntas, nossas pautas são interseccionais. Não estamos separados em

REUNIÃO: 21741 DATA: 27/04/2026 FL: 15 DE 27

caixas. Estamos juntos, tentando construir uma cidade, um estado e um Brasil melhor para todo mundo.

Agora o Júlio, ativista de pessoas neurodivergentes. Em seguida, o Ivan.

O SR. JÚLIO CÉSAR – Oi. Tudo bom, pessoal? Primeiramente, boa noite a todos. Meu nome é Júlio César, eu sou ativista de pessoas com deficiência. A gente apoia essa pauta. A gente já esteve com a Keit, não é, Keit? Tudo bom? Boa noite. Tudo bem, Keit? Boa noite a essa mesa, às pessoas compõem essa mesa, muito boa noite, está bom?

E a gente acredita na questão da escala 6x1. Trabalho hoje no Outback e eu trabalho na escala 6x1, sou horista. É muito complicado quando nós trabalhamos, nós na classe trabalhadora, trabalhamos nessa escala exploradora, que faz os trabalhadores, faz as pessoas trabalhar, trabalhar, trabalhar. E, assim, é muito interessante porque eu sou trabalhador e eu não vou chegar ao alto topo da empresa, porque é uma multinacional. Eu não vou ser CEO da empresa, eu não vou ser um dos executivos da empresa, porque... algo estrutural no nosso país. A gente trabalha, trabalha, trabalha e não chega a lugar nenhum, pessoal. Então é bem interessante nós irmos para a rua fazer a manifestação, porque é uma pauta muito interessante, porque a escala 6x1 é exploradora e a classe trabalhadora não aceita isso.

Eu, como jovem ativista, acredito na reformulação das leis trabalhistas, porque pensar no fim da escala 6x1 é pensar no Brasil; pensar em condições melhores é pensar no futuro do país. Se a gente quer um desenvolvimento, um projeto desenvolvimentista, a gente tem que pensar no conforto dessas famílias, porque é bom você ter um momento de lazer, é bom você ter um espaço para sua família. É bom uma pessoa com deficiência ir para o médico fazer um tratamento. É bom mães de família que têm filhos com deficiência terem um momento de prazer também, que trabalham nessa escala 6x1, que trabalham para sustentar as suas famílias.

Então muito agradecido por aqui estar falando nesta mesa hoje, nesta noite em São Paulo. Muito obrigado, pessoal. Uma boa noite a todos. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Keit Lima) – Obrigada, Júlio.

Ivan. Em seguida, Alex de Souza, do VAT.

REUNIÃO: 21741 DATA: 27/04/2026 FL: 16 DE 27

Ivan Leyraud

O SR. IVAN LEYRAUD - Boa noite a todos. Meu nome é Ivan Leyraud.

Eu queria falar bastante coisa, mas graças a Deus a nossa japonesinha aqui, professora, e a nossa professora lá, também de óculos, falou tudo o que a gente tinha para dizer. Mas eu aproveito para lembrar a todos, à plateia, à nossa Vereadora também, que em 1926, cem anos atrás, cem anos atrás, a Ford introduziu a escala 5x2, que passou a se chamar semana inglesa. E nós estamos cem anos atrasados para começar a lutar no Brasil para cair os 6x1 e virar 5x2, ainda.

Nós temos exemplos em vários países, como a professora citou. Amsterdam, por exemplo, na Holanda, experienciou lá, fez semanas de 4x3, trabalha quatro, descansa três. Tivemos Domenico De Masi, um italiano que morreu agora em 2023, falando sobre o ócio criativo. Quanto menos se trabalha, mais folga, tempo para a pessoa ser feliz, tranquilidade, condições físicas para trabalhar, e isso traz só benefícios para a sociedade. Eu assino embaixo de tudo o que a professora disse, porque ela deu os dados todos de que um homem que trabalha feliz e satisfeito vai viver a vida satisfeita, vai produzir muito mais, vai trazer muito mais lucratividade.

Lembro também que tem um dado que a professora citou por cima, e eu corroboro, que com essa mudança de 5x2 abrem-se 4,5 milhões de postos novos no Brasil, para novos trabalhadores. E digo que todos os senhores da extrema-direita e da direita contra o trabalho 5x2 estão completamente equivocados, porque nós temos - hoje eu estudo bastante isso - inteligência artificial, que vem resolver muitos problemas repetitivos, que não precisam de pessoas fazendo, a máquina faz pela gente. A gente não veio aqui para trabalhar, a gente veio para ser feliz, veio para viver.

E aproveito para dizer o seguinte: eu já estou praticando o VAT, eu já estou praticando. Por que eu estou praticando o VAT? Porque eu acabei de inaugurar, na semana passada, em São Paulo, a primeira academia do Brasil, inteligente, gratuita, 24 horas, para a população da zona Norte. Já ganhamos uma licitação e vamos colocar mais 30 academias na

REUNIÃO: 21741 DATA: 27/04/2026 FL: 17 DE 27

zona Leste de São Paulo, para que a população utilize a academia e tenha a saúde, e tenha felicidade. (Palmas)

Eu acho que é assim que a gente pode fazer, não é só o discurso, mas a ação concreta. E é assim que tem sido minha vida. Já fui ator, já fui “n”, mil profissões, mas hoje a gente trabalha com isso, de poder melhorar a vida das pessoas que estão afastadas da condição de pagar, por exemplo, 300 reais numa academia. Tem academia de graça em São Paulo, para começar. E tem seis mil municípios brasileiros e nós vamos correr atrás para levar as academias para todo o Brasil.

Muito obrigado para todos. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Keit Lima) – Obrigada, Ivan.

Alex.

O SR. ALEX DE SOUZA - Boa noite, gente. Tudo bom? Queria saudar primeiramente a Mesa, a iniciativa do mandato e os movimentos presentes, o Movimento de Trabalhadores Sem Direitos, o Movimento VAT, de que tenho a honra de participar com as duas companheiras que estão na primeira parte da Mesa.

Bom, gente, eu queria fazer uma fala trazendo um fato que aconteceu no início de março, que é o seguinte. No dia 3 de março, a Confederação Nacional das Indústrias, em nome do seu Presidente, Ricardo Alban, entregou para o Sr. Davi Alcolumbre um manifesto chamado Manifesto pela Modernização da Jornada de Trabalho. Esse era um manifesto assinado por mais de cem confederações patronais, que se colocava contra a redução da jornada de trabalho. Mais de cem confederações patronais, gente.

Confederações são um conjunto; cada confederação é um conjunto de associações de grandes empresários. Eram mais de cem, desde empresários da soja aos dos *call centers*, desde gente dos laticínios até dos setores hoteleiros. Era um grande conglomerado de diversos patrões se colocando contra a redução da jornada.

Eu estou trazendo isso porque, ao mesmo tempo em que isso estava acontecendo, 71% da população brasileira estava se colocando pelo fim da jornada, da escala de trabalho 6x1.

REUNIÃO: 21741 DATA: 27/04/2026 FL: 18 DE 27

Ou seja, se esse fosse um debate técnico, o que estaria nele colocado, como a grande mídia corporativa diz, seria que esses empresários estariam do lado certo, tecnicamente, e 71% da população brasileira estariam errados.

Porém, é o que a Prof. Marilane falou: não é um debate técnico; é um debate de interesses. Esse é um debate de interesses. É um debate sobre os interesses da maioria trabalhadora contra os interesses de uma minoria empresária que suga o sangue e o suor dos trabalhadores.

É por isso que a gente tem que ir para as ruas e se mobilizar fortemente neste dia Primeiro de Maio, inclusive, em nome daqueles trabalhadores que não vão poder participar do ato, porque vão estar trabalhando, como a gente tem conversado, nas nossas panfletagens, pelo VAT, nas farmácias, e visto cotidianamente. Então, é isso. Quero fazer este apelo, para que todos nós nos mobilizemos, mesmo quem não trabalha em 6X1. Que a gente vá para a rua e lute pelo fim da escala, que é uma escala desumana.

É isso. Muito obrigado.

A SRA. PRESIDENTE (Keit Lima) – Obrigada, Sr. Alex. Agora, vou voltar para a Mesa. Aí, eu vou fazer ao contrário: eu vou começar com a Sra. Gilvania. São três minutinhos.

A SRA. GILVANIA REIS GONÇALVES – Quero muito agradecer o espaço e as falas. A Prof. Marilane e eu sempre nos encontramos, nas lutas, nas ruas. Não é, Professora? Agradeço ao gabinete da Vereadora Keit Lima e aos companheiros da Mesa.

Quero chamar aqui, também, se puder, assim, quebrar um pouco os protocolos, a Mariana Senna, que é da Conexão Babás. Posso dividir, Vereadora Keit Lima? Posso dividir com ela? Eu acho que ela tem muito para contribuir, porque vem, também, de uma escala exaustiva, de um trabalho invisibilizado. Então, eu acho que eu vou dividir a minha fala com a Mariana.

A SRA. MARIANA SENNA – Prazer. Meu nome é Mariana Senna. Sou do Conexão Babás. Luto pela causa doméstica. Sou trabalhadora. Sou babá. Trabalhei por muito tempo como babá. Eu adoeci. Eu fico até nervosa. Não estava preparada para falar. Eu adoeci em casa de família. Eu tinha horário para entrar; não tinha horário para sair. A minha patroa era bem abusiva.

REUNIÃO: 21741 DATA: 27/04/2026 FL: 19 DE 27

Eu não posso falar nome, mas que pena.

Assim, eu sofri muito e há muitas trabalhadoras que sofrem. Eu tenho um grupo com 5 mil mulheres e em todos os meus grupos do Conexão Babás há muito relato de trabalhadoras que estão adoecendo. A carga horária é puxada. O salário não é renumerado. Há trabalhadoras que trabalham há 16 anos na residência. É babá, doméstica, diarista, faxineira ou o que seja, e ganha um salário mínimo. Elas não têm vida. Não têm vida para ficar com o marido. Não têm vida para cuidar dos próprios filhos.

Eu posso falar pela minha sogra. Ela é babá há 40 anos. Ela sempre trabalhou em casa de família de alto padrão. O meu marido foi uma pessoa que foi cuidada pela avó, pela tia, por qualquer pessoa da família, menos pela minha sogra, porque ela precisa trabalhar. Precisa pôr a comida em cima da mesa.

Assim, eu represento muitas trabalhadoras domésticas. Então, eu sou a favor, sim, do fim à escala 6X1. Nós, trabalhadoras domésticas, somos invisibilizadas. A gente consegue algo por muita, muita luta, pelo nosso sindicato, mas, assim, a gente está parada no tempo. Eu tenho trabalhadoras que não são registradas. Trabalham há cinco ou sete anos e não são registradas. Eu tenho casos com o jurídico da associação do Conexão Babá e a gente pega casos absurdos, como trabalhadoras sendo agredidas.

Esse caso que aconteceu recentemente na avenida Paulista acontece quase todo dia. É todo dia que eu recebo uma denúncia no meu WhatsApp e eu já resgatei uma menina de 19 anos que trabalha em situação análoga à escravidão no Morumbi. Foi para a mídia. Apareceu na mídia, mas, assim, eu resgatei. Fizeram a denúncia para mim e eu fui até ela, para buscá-la. Ela estava em um trabalho análogo à escravidão.

Assim, fim à escala 6X1.

Muito obrigada.

A SRA. PRESIDENTE (Keit Lima) – Obrigada, Sra. Mariana. Obrigada pelo relato e que bom que a Sra. Gilvania a trouxe para a Mesa. É muito importante a sua fala.

Agora, é a Professora?

A SRA. MARILANE OLIVEIRA TEIXEIRA – Quero só concluir.

Houve três ou quatro comentários, agradeço a fala do Matheus, da Cláudia, do Júlio, do Ivan, do Alex e, agora, da Mariana, com um depoimento muito interessante. Depois, eu quero pegar o seu contato, Mariana, porque a gente tem feito um trabalho em torno da questão das cuidadoras e é muito importante ter esse contato direto, para que a gente possa fortalecer inclusive os nossos argumentos em relação ao debate em torno das condições de trabalho. A Mariana traz um aspecto muito importante, porque, sem dúvida nenhuma, hoje, a principal ocupação das mulheres no Brasil é o trabalho doméstico e de cuidados.

É um trabalho que basicamente está com uma jornada de 44 horas, que foi conquistada recentemente, mas que, na verdade, na prática, é pouco cumprida, por conta, justamente, das relações de trabalho. Então, não tenho dúvida nenhuma de que é um dos segmentos da sociedade de trabalho mais afetados pelo excesso de trabalho e por uma jornada que vai para além da escala 6X1. Não é, Mariana? Acho que chega, às vezes, a 7X0. Em várias experiências, as pessoas ficam confinadas por sete dias da semana no ambiente de trabalho, que é um ambiente doméstico. Aí há uma complexidade muito grande.

Quero, também, aproveitando as falas de vocês, chamar a atenção para algumas coisas. A gente fez um estudo no ano passado. O Alex nos lembrou disso, sobre a geração de emprego. Foi o Alex ou foi o Ivan que falou sobre a geração de empregos. Usamos a mesma metodologia que dizia que a economia ia desabar para dizer que não, que ia gerar, potencialmente, até 4 milhões e meio de empregos. A gente recentemente atualizou isso, em função do debate das 40 horas, e a gente chega, então, a em torno de 600 ou 700 mil postos de trabalho.

Na verdade, é uma disputa de narrativa que está para além do debate puramente técnico. É um debate político e foi a isso que o Alex chamou a atenção. Eu quero fortalecer essa ideia. Eu acho que a gente tem que tomar cuidado para não entrar nesse debate técnico, porque é isso que eles querem que a gente faça. Como eles se consideram os que têm as informações, os dados e o conteúdo, eles sabem falar sobre qual é a realidade deles.

Nós queremos falar sobre a nossa realidade e dizer o seguinte: não, não é um debate técnico. É um debate político. É um debate sobre a nossa vida, sobre o direito de viver além do trabalho, e não morrer trabalhando. Então, acho que a gente tem que fortalecer essa ideia, essa perspectiva. Cumprimento o Ivan pela experiência.

Inclusive, conversando com a Patrícia, logo que nós chegamos aqui, a gente comentava sobre experiências que a gente está conhecendo no Brasil, hoje, e já estão praticando 5X2, motivados e estimulados pela luta do VAT. Assim, vocês não fazem ideia do impacto que isso está trazendo para o Brasil e está mexendo com alguns setores econômicos que já estão introduzindo isso no seu cotidiano.

Então, acho que a gente só tem que parabenizar essa luta e seguir firme. Agradeço mais uma vez pela oportunidade de estar aqui com você.

A SRA. PRESIDENTE (Keit Lima) – Obrigada demais, Professora. Sra. Patrícia.

A SRA. PATRÍCIA SHIMANO IKUNO – Pessoal, eu gostaria de agradecer a todo mundo que está aqui hoje. Agradeço à Vereadora Keit Lima. Muito obrigada pela oportunidade de estar aqui e poder falar, poder contar um pouco da minha história.

Falei brevemente sobre a história do início do VAT e falei um pouquinho sobre o Rick. Quero falar um pouco, também, sobre as propostas. Eu falei rapidamente das propostas que estão agora tramitando lá, no Congresso Nacional, e nós tivemos uma atualização. Foi instalada a comissão especial, também. O Presidente da Câmara, o Sr. Hugo Motta, instalou a comissão especial e parece que ele tem pressa, mas a Oposição, não.

Então, nós precisamos, sim, pressionar muito, porque precisamos dessa aprovação neste primeiro semestre. Nós não podemos deixar passar esta oportunidade. Quero reforçar isso com vocês. A Oposição quer uma transição de cinco anos. O trabalhador já esperou muito; não podemos esperar mais. A Oposição quer um “bolsa-patrão”. O trabalhador não tem que pagar essa conta. A Oposição quer redução salarial. Isso é inadmissível. Nós não podemos aceitar.

Por isso, vamos às ruas. Vamos movimentar as redes sociais. Vamos fazer barulho, pessoal.

REUNIÃO: 21741 DATA: 27/04/2026 FL: 22 DE 27

Muito obrigada.

A SRA. PRESIDENTE (Keit Lima) – A Sra. Mariana pediu para dar um recadinho. É com a senhora, Sra. Mariana.

A SRA. MARIANA SENNA – Eu não estava preparada. Desculpem. Fiquei nervosa. É normal da gente, do ser humano.

Saúdo a Mesa. Vereadora Keit Lima, já tinha conhecido a senhora na manifestação do ano passado do Primeiro de Maio.

Eu vou deixar esta mensagem para você, trabalhadora doméstica: eu sei que você trabalha com uma carga horária muito puxada, mas eu faço um convite. Desde 2024 eu estou fazendo manifestação. Eu vou para as ruas, mas, neste Primeiro de Maio, eu, Mariana, quero, mesmo, fazer história. Então, eu convido você, trabalhadora doméstica, a estar, nesta data, no Primeiro de Maio, na praça Roosevelt, às 9h da manhã. Eu convido você, trabalhadora doméstica, babá, cozinheira, diarista, faxineira, copeira, jardineiro, para estar nesta manifestação, para estar levantando a nossa faixa e a nossa voz no Primeiro de Maio.

Muito obrigada.

A SRA. PRESIDENTE (Keit Lima) – Maravilha! É com a senhora, Sra. Mariana.

A SRA. MARIANA LIMA DE ARAÚJO – Primeiramente, eu quero lhe agradecer pela oportunidade de estar aqui hoje. Quero também convidar quem está assistindo a vir à nossa manifestação no dia Primeiro de Maio. A gente está cansada. A gente não quer deixar essa luta para depois. A gente quer isso para ontem.

Outro ponto que eu me esqueci de abordar: por conta da falta de funcionários, o que mais acontece dentro das empresas é desvio de função. Isso só aumenta os acidentes de trabalho. A gente, que é ser humano, não é máquina. A gente tem corpo. A gente tem que ter quantidade de horas para dormir, quantidade de horas para fazer atividade física. O Brasil está liderando o *ranking* de pessoas que estão acima do peso e de pessoas que estão com ansiedade.

A gente não está sendo um bom exemplo quando se trata de produtividade e saúde. Para a gente prosperar, a gente tem, sim, que reduzir a carga horária de trabalho. Está escrito

REUNIÃO: 21741 DATA: 27/04/2026 FL: 23 DE 27

na nossa Bandeira “ordem e progresso”, mas não é isso o que está acontecendo. Deveriam muitos políticos se envergonhar dessa postura.

A nossa PEC tem que ir para frente. A nossa luta não pode parar e isso depende da gente, que é trabalhador, porque, se depender de muitos que a gente colocou lá, no Poder, isso não vai para frente, não. A gente não pode continuar passando o pano e aceitando as coisas. A gente tem que brigar e se unir, porque, se depender de muitos, a gente não vai para frente, não, e este país não cresce. Nós, cidadãos brasileiros, dependemos da gente, para este país crescer. Não depende de quem está na política. Então, é importante, sim, a gente falar sobre política, não passar pano e brigar por nossos direitos trabalhistas.

É isso. Obrigada.

A SRA. GILVANIA REIS GONÇALVES – Eu quero também deixar aqui um convite para todos os trabalhadores sem direitos: entregador, camelô, babá, faxineira, todos os trabalhadores da economia popular. Neste dia Primeiro de Maio, estejamos juntos na praça Roosevelt, às 9h. Vamos para a rua para podermos vencer essa escala 6x1, porque somos trabalhadores.

Obrigada.

- Manifestação do público.

A SRA. PRESIDENTE (Keit Lima) – Maravilha! Eu quero só passar um pouquinho sobre como nós, do mandato, também estamos tocando isso. Acho que é importante também. Acho que é quase uma prestação de contas.

Nós fizemos um requerimento para a Secretaria da Casa Civil, para a Secretaria da Gestão Municipal, para a Secretaria de Governo e diretamente para a Prefeitura solicitando algumas informações sobre os contratos da escala 6x1 na cidade de São Paulo e todos os impactos da economia e discutir isso de uma forma técnica. É isso que estamos em debate. E pasmem, a resposta foi negada por todos esses órgãos com a justificativa de que eu, como Vereadora, não posso solicitar essa informação. Só com um pedido da Casa. E não se enganem, isso é uma estratégia política, claramente, para barrar essas informações para chegar a um

REUNIÃO: 21741 DATA: 27/04/2026 FL: 24 DE 27

debate público.

Seguimos com o comprometimento de pressionar a Casa, principalmente, a CCJ, Comissão de Constituição e Justiça, para que os projetos para acabar com a escala 6x1 possam caminhar na Casa. Inclusive, eu tenho um projeto junto com a Vereadora Amanda Paschoal para que os servidores públicos que estão na escala 6x1, em terceirização, acabem e estamos tentando pressionar a Casa para que isso avance. Porque precisamos questionar: a quem interessa manter a escala 6x1?

Também fizemos uma indicação ao Sr. Prefeito para que suspenda a escala 6x1 da cidade de São Paulo fazendo com que a cidade de São Paulo seja a pioneira do país ao abolir a escala 6x1. Estamos na cidade - e aí nesse lugar muito técnico de orçamento - mais rica da América Latina. Por que não ser a pioneira? Sabemos que o que acontece na cidade de São Paulo reverbera no país inteiro. É isso.

Temos um projeto de lei em andamento na Casa que determina o fim da escala 6x1 em todas as contratações de administração direta e indireta do Município - projeto de lei com coautoria com a Vereadora Amanda Paschoal, uma grande companheira do partido e das trincheiras.

Também elaboramos uma moção de apoio à PEC pelo fim da escala 6x1. Moção que está travada aqui na Casa.

Quero agradecer ao movimento VAT; ao movimento dos Trabalhadores sem Direito, pela presença. Esta audiência não é apenas do mandato, ela é nossa. O mandato é apenas um instrumento ou pelo menos deveria ser um instrumento para o movimento social, para que juntos consigamos construir a cidade que queremos, que sonhamos e que merecemos.

Eu acho que tem uma coisa que o óbvio, em tempos sombrios, precisa ser dito. Queremos o fim da escala 6x1, sem a redução de salário. Muito bem como colocou a Professora, e eu sou uma favelada que amo falar sobre dinheiro e orçamento. Faço parte da Comissão de Finanças e Orçamento, Professora, porque existe uma narrativa mentirosa que romantiza e que faz a gente sangrar.

Para mim, a discussão não é o quanto vai custar - como a professora bem colocou aqui – acabar com a escala 6x1. Quanto vai custar e manter a escala 6x1. O quanto que ela adocece, o quanto que ela esgota. E aí temos um Congresso que é inimigo do povo. Um Congresso com um bando de canalhas, que aliás, com a canalhice de uma bolsa do patrão. Não temos orçamento para falar pelo fim da escala 6x1, mas temos o orçamento para dar bolsa para patrão. É esse o Congresso, que hoje está aí. E temos que falar isso em alto bom som, porque estamos em ano eleitoral e essas pessoas que são eleitas deveriam representar o povo e não fazer projetos contra a população.

Temos de estar atentos, porque a narrativa dos técnicos, como bem colocou a Professora - e aí quero puxar muito com o que a Mariana trouxe sobre prosperidade - não existe argumento técnico onde a prosperidade não chegue nas nossas periferias e favela. E como que é a prosperidade vai chegar as nossas periferias e favelas se num único tempo que temos é de adoecer? Quando adoecemos, nem conseguimos o SUS, daí sabemos que morremos.

Eu coloquei sobre sem redução de salário, porque parece que podemos negociar com nosso patrão e sabemos que isso é uma mentira. Igual a mentira na época do covid, quando disse: trabalha quem quer. Sabemos que os que morreram na época do covid foram pessoas periféricas e faveladas, porque foi preciso fazer uma escolha entre morrer de fome ou morrer de covid.

Então, que a gente não caia, porque é sobre as nossas vidas. E tem uma coisa quando todo mundo fez o convite falou: “vamos para as ruas, ambulante, vamos para as ruas, não sei o quê, porque é sobre a gente”, mas até as pessoas que não estão na escala 6x1, principalmente, tem mais a obrigação de estarem lá, porque tem tempo. E nós precisamos construir um país mesmo quando não chega a nós. Mesmo não estando na escala 6x1, precisamos ir as ruas, porque é a construção do nosso país. E tudo de bom e de ruim é responsabilidade nossa.

Essas pessoas que abrem a boca e dizem que são patriotas, mas querem ver o povo pobre, preto, favelado e que as mulheres sangrem, eles são muita coisa, menos patriotas. Essa

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls. 27

REUNIÃO: 21741 DATA: 27/04/2026 FL: 26 DE 27

turma que diz que o nome de Deus, e eu, como uma mulher evangélica, eu abomino tudo o que esse pessoal faz, diz que defende a família, mas não defendem que as pessoas pobres possam ter o direito à família, ter tempo para a sua família. Então, de que família estamos falando? Não caiam nesse discurso fácil, nesse discursinho de miojo. Essa mentira contada tanto para nós, e que possamos estar na rua panfletando, olhar nos olhos das nossas periferias e favelas falando que a escala 6x1 é sobre as nossas vidas, porque as pessoas pobres que não estão na escala 6x1, tiveram o pai, a mãe. Precisamos construir um país onde as pessoas periféricas, pobres, trabalhadoras que constroem este país tenham o direito de sonhar, tenham o direito de pensar prosperidade a partir do seu território.

Eu não preciso mudar do meu território para pensar em prosperidade, para ter o direito de sonhar. Para nós, pela favela, para todas as pessoas periféricas e faveladas, queremos o fim da escala 6x1. Porque queremos as nossas favelas e periferias prósperas. Defendemos toda forma de família. Que as pessoas tenham tempo para suas famílias. Que possamos brindar também, porque é político também. Que possamos ir ao samba – eu sou uma mulher que gosta muito de samba - que possamos ter tempo de ir ao samba. Que possamos ter tempo de rir. Ter tempo de militar. Ter tempo para fazer nossa unha, estudar. Cuidar de nós ou não fazer nada. Mas é um projeto deles, que a gente também não pensa, não tem a tempo de estudar, porque é assim que eles se mantêm no poder. Que possamos cada vez mais favelizar.

Eu gosto muito da palavra favelizar, porque quanto mais favelizar, menos eles terão poder sobre a gente. Menos estarão nesses espaços de poder. Que possamos favelizar cada vez mais Câmaras Municipais, Assembleias Legislativa e a Câmara Federal para que possamos ditar as regras deste jogo. Como a Professora trouxe aqui, essa é uma das vitórias e pode ser uma das vitórias por muito tempo. Que possamos ter muitas vitórias e que conquistemos direitos.

Se estamos na cidade e no estado mais rico, é porque pessoas periféricas e favelada acordam 3, 4, 5h. Não é a turma que está em Brasília, inimiga da gente, não sabem nem o que é trabalho. Muitos deles nunca pegaram um ônibus. Não sabem o que é depender, exclusivamente, do SUS. Então, para eles é fácil falar sobre isso.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls. 28

REUNIÃO: 21741 DATA: 27/04/2026 FL: 27 DE 27

Quero dizer que eu estou muito feliz de estar aqui com vocês. Que o fim da escala 6x1 é por nós e por aqueles que vem depois, que não merecem uma escala escravocrata. Que possamos ter muita prosperidade nas nossas periferias e favelas a partir do fim da escala 6x1, sem redução de salário. Porque é por nós. É por aqueles que ainda vem. E pelo direito de viver. E que o bem viver cheguem nas nossas periferias e favelas. Porque esse Brasil é nosso. Nós o construímos. Ele é nosso, e que nós ditemos as regras desse jogo. Obrigada, gente!

Nada mais havendo a tratar, declaro encerrada a presente audiência. Convoco todos aqui para a frente, porque além de sermos militante, somos bonitos e vamos tirar uma foto.

Estão encerrados os nossos trabalhos.